

4. A ação do romance¹

4.1. Estruturação da obra: ação principal e novela

“Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, [...] trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo ‘Fidalgo da Torre’) trabalhava numa novela histórica, *A Torre de D. Ramires*, destinada ao primeiro número dos *Anais de Literatura e de História*, revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas.” (p. 5)

Assim começa o primeiro capítulo do romance *A Ilustre Casa de Ramires* com a indicação de coordenadas temporais e locais, o nome do protagonista e o trabalho a que se dedicava. A **ação principal** deste romance é desenvolvida ao longo de **doze capítulos** e tem como protagonista Gonçalo Mendes Ramires, também conhecido por “o Fidalgo da Torre”, um jovem de trinta anos descendente da ilustre casa dos Ramires, considerado “o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal” (p. 6). Assim, a ação principal centra-se na vida, nas vicissitudes, nos percalços e nos dilemas que afetam Gonçalo Mendes Ramires, em particular desde que termina os seus estudos em Coimbra e passa a residir na propriedade da família, a Casa dos Ramires, com a sua torre ancestral e imponente, na aldeia de Santa Ireneia, perto de Vila Clara e da cidade de Oliveira. Naturalmente, ao acompanharmos de perto a vida deste fidalgo, nos finais do **terceiro quartel do século XIX**, presenciamos também a vida das gentes da aldeia, na sua vertente política, económica e social, e, em última análise, a própria evolução da sociedade portuguesa desse período. Trata-se, por isso, de uma narrativa interessante, variada e simbólica, como veremos mais à frente.

Mas, a par da **ação principal** que concretiza um **primeiro nível narrativo**, há, como o parágrafo inicial da obra nos indica, uma outra história que vai ser contada: uma novela. Essa **novela histórica**, da lavra do protagonista do romance, representa, por sua vez, um **segundo nível narrativo**.

Atentemos melhor na “composição deste romance”.

A composição deste romance [*A Ilustre Casa de Ramires*] deve ter-se iniciado nos anos posteriores a Os Maias, tendo sido publicado na *Revista Moderna*, em versão incompleta, entre 1897 e 1899. A sua publicação em volume é de 1900 e já póstuma.

Trata-se de um volumoso romance, em que encontramos um protagonista, Gonçalo Mendes Ramires, um fidalgo de província, bacharel em Direito, descendente de uma linhagem de Ramires que remonta a tempos anteriores à independência de Portugal. Apesar da sua nobre linhagem, tem falta de dinheiro e esse é o seu principal problema, que o faz sofrer humilhações e torna a sua vida dececionante. Tendo reencontrado um colega de Coimbra, um tal Castanheiro “patriotinho”, personagem um pouco ao estilo do patriótico Alencar d’Os Maias, [...] decide escrever uma novela histórica em que narra os feitos valorosos dos seus antepassados Ramires. O romance é, assim, uma **obra dupla**, narrando-nos, num primeiro nível de ação, a vida e acidentes de percurso do protagonista, Gonçalo Ramires, e, num segundo nível, a história dos Ramires de outrora, narrada pelo primeiro, e em contraste marcado entre o passado de grandezas e o presente de vilezas. Trata-se igualmente, pois, de uma **história dentro da história**, processo inovador, mas não inteiramente novo em Eça [...]. Gonçalo quer ser deputado, o que conseguirá através de algumas concessões e oportunismos, sacrificando a sua dignidade pessoal, a da irmã e a da família às suas ambições – o que acaba por afetar a sua consciência. Mas o que verdadeiramente o redime da “vileza”, e consigo à sua Casa, é a escrita da **novela histórica** sobre os seus antepassados (ao longo da escrita, que vai a par, como se disse, das vivências presentes de Gonçalo, é notório o contraste e dignidade e a valentia dos Ramires de outrora e a falta de dignidade e fraqueza de Gonçalo, em episódios que vão alternando entre os dois níveis narrativos – **romance e novela histórica** nele encerrada – e que permitem avaliar os paralelismos e contraste existentes entre os heróis do passado e o seu descendente atual). Importante também na transformação e salvação de Gonçalo, um **sonho** em que, logo no início do romance, se sente oprimido no universo representado e de que acorda, continuando o sonho numa pradaria africana. Resolve a sua vida, regenerando-se e partindo para as colónias (Moçambique) onde se torna empresário ativo, enriquece e regressa outro, dedicando-se a recuperar as suas terras e nome, pensando casar com uma rapariga das redondezas, senhora de um bom dote que lhe consolidará a fortuna, e tornando-se assim digno dos Ramires que evocara. No desfecho do romance um amigo seu, João Gouveia, afirma a **identificação de Gonçalo com Portugal**, pela bondade, pela generosidade, pelo desleixo, pela imaginação e exageros que o levam mesmo a mentir, mas também pela capacidade demonstrada em regenerar-se e recuperar a grandeza dos seus heróis antepassados (cada geração de Ramires estivera profundamente ligada a acontecimentos grandiosos da História pátria; a decadência iniciara-se, paulatinamente, a partir da subida ao trono dos Braganças).

Amélia Pinto Pais, *História da Literatura em Portugal* – Vol. 2 Época Romântica, Porto, Areal, 2004, pp. 160-161 (destaques nossos; com supressões)

¹ A edição utilizada da obra *A Ilustre Casa de Ramires* é a da “Coleção Educação Literária”, Porto, Porto Editora, 2016.